

É capaz de fazer
qualquer coisa por uma
risada—inclusive trabalhar
como se sua própria
vida dependesse disso

Condensado de TELEVISION AGE

NOEL F. BUSCH

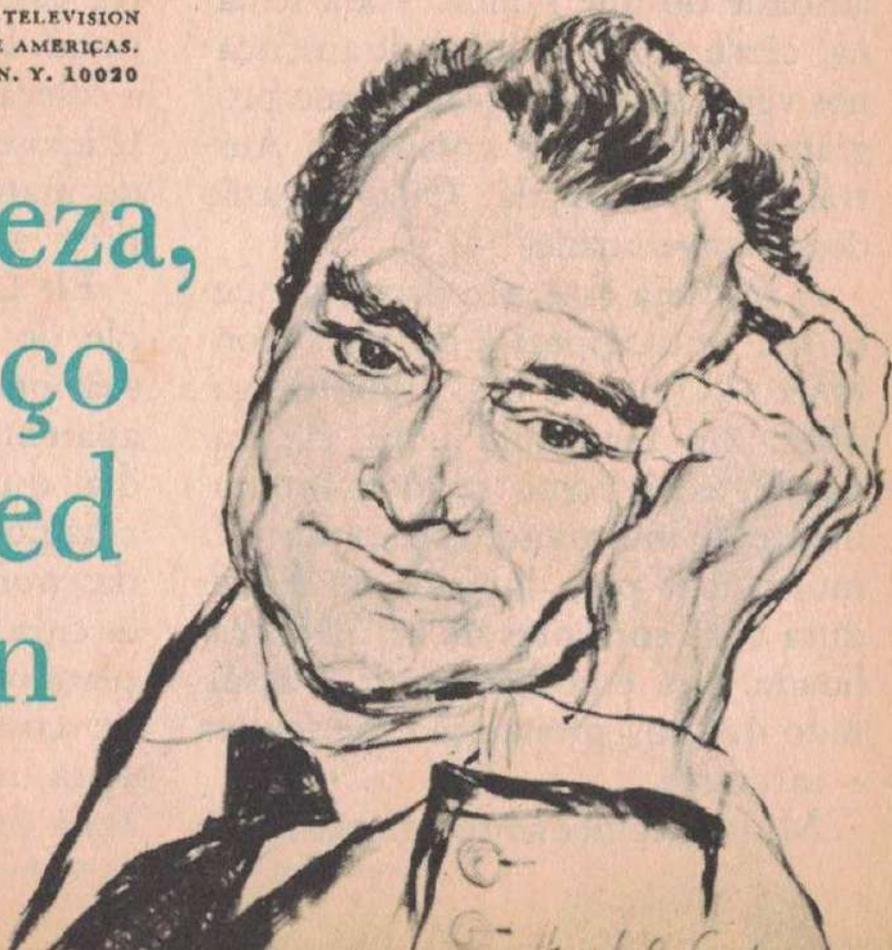
O MOMENTO para o qual êle vive chega tôda têrça-feira às seis horas da tarde, nos estúdios do Columbia Broadcasting System (CBS), em Hollywood, quando se grava para a televisão o Programa Red Skelton. É ali que um dos artistas mais versáteis do mundo realiza seu trabalho. Durante 60 minutos êle pilheria fazendo monólogos e paródias, executando pantomimas cheias de sutilezas, levando

trambolhões violentos, sempre de ouvido atento para a sua melodia favorita, na verdade, essencial: as gargalhadas de uma platéia vibrante.

Às sete horas da noite, assim que a gravação acaba de ser feita, Skelton muda de roupa em dois minutos e corre para um *sedan* que está à sua espera, e dispara até um heliporto próximo. Uma vez lá, Red sobe correndo três lanços de escada e pula para um helicóptero que atra-

TELEVISION AGE (18 JAN., 1965). © 1965 DE TELEVISION EDITORIAL CORP., 1270 AVE. OF THE AMERICAS, ROCKEFELLER CENTER, NEW YORK, N. Y. 10020

Sua Alteza, o Palhaço Red Skelton



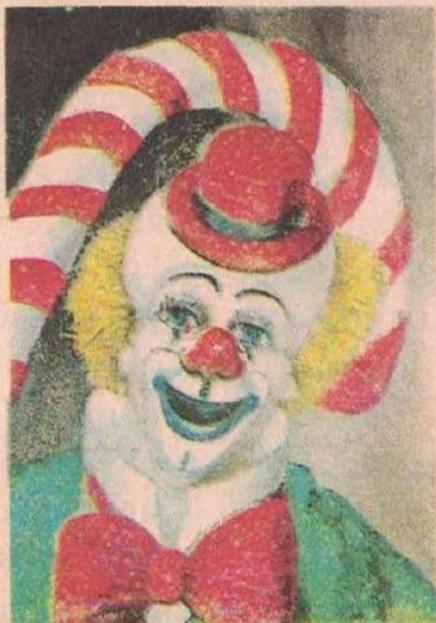
vessa Los Angeles, parando no aeroporto de Santa Mônica, onde um avião de dois lugares espera já pronto para ir até Palm Springs. Aí o astro é esperado por um dos seus três Rolls-Royces, no qual se dirige a tôda a velocidade para casa, onde chega a tempo de assistir, no seu horário das 8:30, à *Hora Skelton*, programa gravado na semana anterior.

Improviso? A televisão consome material humorístico tão rapidamente que poucos comediantes podem agüentar um espetáculo semanal durante duas temporadas sucessivas. Skelton, entretanto, está agora na sua décima quarta temporada e goza de maior popularidade do que nunca. Tôda semana, cêrca de 30 milhões de americanos vêem suas palhaçadas, e seu programa é altamente cotado na Austrália e no Canadá. Qual a razão dessa longevidade?

A resposta está, em parte, naquele seu jeito especial de ser espontâneo. "Olhem o que acabo de ganhar: um monóculo", diz êle, radiante, e aí, como se fôsse inteiramente de improviso, acrescenta: "É muito útil para buracos de fechadura com correntes de ar." Na realidade, essa espontaneidade é resultado de uma preparação meticulosa e intensiva.

Muitos comediantes mantêm um

arquivo ou "baú" de piadas onde guardam material que lhes poderá vir a ser útil. O arquivo de Skelton é uma verdadeira enciclopédia de humor americano contemporâneo e, em comparação ao de qualquer dos seus competidores é, proporcionalmente, como uma biblioteca nacional comparada à estante de livros



de um estudante secundário. O material é dactilografado em fichas de 6 por 12 cm, com índice alfabético e arrumado em caixas de 30 cm—mais ou menos 250 caixas—sendo que o arquivo ocupa um grande armário em sua casa de Cathedral City, na Califórnia. O material excedente é guardado num sótão em ou-

tra casa que êle possui em Brentwood. Há pouco tempo êle comprou a coleção de um colega recentemente aposentado—e verificou que 80% do material já estava nos seus próprios arquivos.

Êle Cai Engraçado. Outro exemplo do seu método sistemático é a sua preocupação com o problema aparentemente simples de cair. Um dia, quando era ainda adolescente, e há pouco tempo ingressara em uma das *troupes* de circo que percorriam as cidades do interior, êle recuou na plataforma e acidentalmente caiu de costas no meio da assistência. Para um mortal comum o acidente teria sido doloroso e humilhante. O

interêsse de Skelton voltou-se para a gargalhada que o acontecimento provocou. Estudou a questão do que torna a queda engraçada e concluiu que o humor reside, em sua maior parte, no esforço que a vítima faz para se levantar. Essa prova de que a vítima não está ferida, escusa os assistentes de sentirem pena dela. Skelton iniciou suas intermináveis experiências visando a descobrir como extrair o máximo de hilaridade das suas quedas.

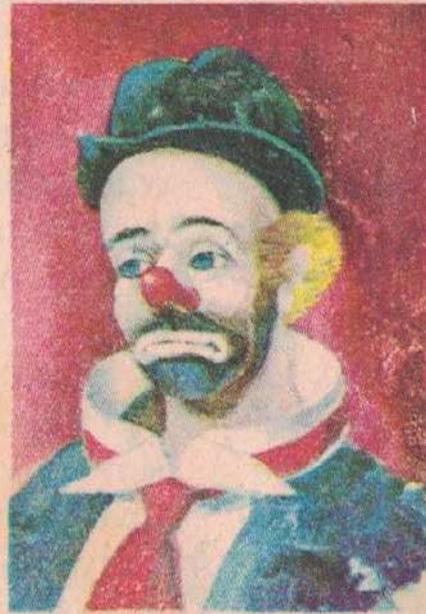
Depois de quebrar as duas pernas, um braço e várias costelas, Skelton há alguns anos descobriu o truque hilariante de terminar seu espetáculo de televisão fazendo seus pés serem puxados, de trás das cortinas, por dois ajudantes do teatro, fazendo-o cair para a frente em todo o seu comprimento de 1,88 m. Essas quedas acabaram-lhe resultando uma lesão interna e exigiram a implantação cirúrgica de um diafragma plástico. Não obstante, êle ainda cai várias vezes em quase todos os espetáculos.

A hora em que seu programa chega ao público é também assunto para cálculo cuidadoso. Depois de uma vida inteira dedicada a medir as reações da platéia, êle acha que a segunda-feira ainda é um dia fraco em conseqüência do fim-de-semana; o horário das oito horas é muito pouco tempo depois da hora em

que as pessoas acabaram de jantar; nove horas é tempo demais. Suas convicções sôbre o assunto são tão firmes que, há três anos, quando o CBS mudou seu horário de terça-feira às 8h 30m para as 8 horas, Skelton abriu mão de cêrca de seis milhões de dólares em obrigações contratuais para conseguir o horário antigo.

Rei dos Walkathons.

Richard Bernard Skelton nasceu em Vincennes, Indiana, em 1913, sendo o mais mômço de quatro garotos. Seu pai, um palhaço que trabalhava no Circo Hagenbeck & Wallace, morrera dois meses antes, deixando o velho baú de seu guarda-roupa como o item mais evidente do es-



casso mobiliário da família.

Para sustentar os filhos, a viúva trabalhava como faxineira num teatro, deixando o pequeno Richard entregue aos rudes cuidados de seus irmãos ou, às vezes, inteiramente sozinho—uma situação dolorosa que teve efeitos duradouros. Uma tarde, quando êle tinha cinco anos, sua mãe o levou consigo para o teatro. O pequeno Skelton reparou que os comediantes recebiam mais aplausos que qualquer outra pessoa. Faminto de aplausos e encorajado pela mãe, o menino começou a trabalhar para se tornar palhaço. Sua vocação inata desenvolveu-se depressa.

Aos oito anos, o pequeno Skelton

aparecia profissionalmente pela primeira vez em público . . . como jornalista. Atacou o trabalho com criatividade típica. Enquanto seus competidores emitiam os gritos de rotina de "Extra! Leia tudo a respeito!", Skelton inventava pregões. Eis um deles: "Audacioso roubo à luz do dia—27 pessoas roubadas!" Quando um freguês, não achando tal notícia no jornal, reclamava, Skelton corrigia o pregão: "Audacioso roubo à luz do dia—28 pessoas roubadas!"

Depois de deixar a escola aos 14 anos, Skelton representou para quase todos os tipos de platéia—em espetáculos de variedades onde os atores pintavam as caras de preto, em teatros de revista, em circos e naquela esquisita forma de arte, popular na década de 1930, conhecida como o Walkathon (maratona de marcha). Enquanto os concorrentes lutavam por se manter em de pé, o trabalho de Skelton, como mestre-de-cerimônias, era manter os espectadores—tão numerosos que freqüentemente atingiam o número de 40 000—despertos e entretidos das duas da tarde até à meia-noite. Dispondo de poucos acessórios, a tarefa era hercúlea. Skelton enfrentou-a com imaginação. Não só se apresentava como mestre-de-cerimônias como começou também a criar a maioria dos personagens que hoje interpreta na TV—Freddie, o Carregador Gratuito, Clem Kaddidlehopper, San Fernando Red.

Uma vez, depois de completar um ano em Montreal como mestre-de-

cerimônias, ofereceram-lhe um novo contrato, a ser iniciado na véspera do Ano Novo.

Sentado numa lanchonete aberta a noite inteira, pouco antes do espetáculo, Skelton meditava sobre o que poderia adicionar de novo ao seu número. E então viu por acaso um homem molhando uma rêsca numa xícara de café e olhando em volta com ar de culpa para ver se alguém observava a sua falta de modos. Skelton começou a imaginar variações de expressões e de gestos e, quando atravessou a rua para o teatro, havia criado um número inteiramente novo, número que convulsionou a platéia de Montreal.

O número de molhar-a-rêsca também convulsionou as platéias americanas e conduziu a um contrato em Hollywood, em 1940. O cinema e o rádio fizeram do comediante de cabelos vermelhos uma figura nacional.

Na década de 1940, com a TV evidentemente em seu futuro, Skelton percebeu de repente que a única espécie de platéia perante a qual êle nunca comparecera como profissional era a platéia da sala de estar. Conquanto fôsse normalmente avêso a reuniões sociais, deu início a uma inexorável ronda de jantares e coquetéis, estudando o que faz as pessoas rirem quando não estão num teatro. Só depois de ter devotado um ano inteiro a essa pesquisa se considerou equipado para enfrentar êsse novo meio de comunicação.

"Só Quando as Pessoas Assistem". O espetáculo semanal de TV

é produto de intensa concentração, mas para evitar que se torne pouco espontâneo, o tempo de ensaio é mantido num mínimo absoluto. Tôda segunda-feira de manhã Skelton e o elenco lêem um nôvo roteiro preparado pelos seus quatro escritores. O roteiro é ensaiado apenas quatro vêzes e depois, têrça-feira às seis da tarde, é representado e gravado.

Skelton apresenta o espetáculo final perante uma platéia.

—As pessoas falam em nervosismo do ator diante da platéia. O que me amedronta não é tanto a entrada como a saída—diz êle.—Eu só vibro quando há pessoas assistindo.

Em Casa. Em contraste com o estilo precipitado de sua saída do estúdio, a vida doméstica em Cathedral City parece um tanto moderada. Êle vive com sua espôsa, uma ruiva chamada Georgia, sua filha adolescente, de cabelos louro-avermelha-

dos, Valentina, quatro *poodles* e uma arara vermelha. A propriedade inclui um jardim italiano e um japonês, onde êle colhe, poda e cava sob o sol do deserto. Numa casa de chá japonêsa, esquipada com ar condicionado e um conjunto de alta fidelidade, êle se entrega à meditação contemplativa. Além de escrever histórias (que depois de adaptadas são incluídas com freqüência no espetáculo) êle compõe músicas e pinta—quase exclusivamente retratos de palhaços, quase todos ruivos. Recusa-se a atender quando o telefone toca, não gosta de escuro e freqüentemente mantém a casa completamente iluminada durante tôda a noite.

Mas Skelton encara essas idiossincrasias com jovialidade.

—Eu tenho um sexto sentido—diz êle—mas não os outros cinco. Se eu não estivesse ganhando dinheiro, seria internado num manicômio.

QUANDO uma capitoa da Fôrça Aérea Feminina, jovem e excepcionalmente atraente, foi designada para oficial de transportes em nosso pôsto, resolveu conhecer todo o pessoal da sua seção. Um jovem aviador, depois das primeiras formalidades e observações, perguntou:

—A senhora é casada?

Espantada, a capitoa respondeu calmamente:

—Não, não sou.

—Então a senhora tem um problema—disse o rapaz.

—E qual é o meu problema?

—Eu, capitoa.

—W. R. W

NOTÍCIA colada na parte de trás de uma máquina de escrever da estação de rádio e televisão da Base Aérea de Ramey, em Aguadilla, Pôrto Rico: "AJUDE O PRESIDENTE JOHNSON EM SUA GUERRA CONTRA A POBREZA—PROMOVA-ME!"

—C. W. C.